

que lhe tem custado lutas e até dissabores é o melhor aval de sua individualidade. A êste respeito, Nícia Vilela Luz — que conheço há tantos anos — faz-me lembrar aquele velho imigrante sírio de uma cidadezinha do interior mineiro, citado por Emil Farhat na abertura de seu tão discutido livro, e que tinha por hábito aconselhar a todos: “Se tiver alguma verdade para dizer, diga-a!” E quando esta verdade apoia-se em embasamento documental como o que Nícia Vilela Luz encontrou para o seu trabalho, então, podemos dizer que temos o quadro ideal para a elaboração de um trabalho de pesquisa histórica que, tal como o outro, está destinado a *ficar* na bibliografia histórica brasileira.

Um esboço do objetivo da autora está no próprio prefácio do livro: “dirigir o interesse principal para o estudo das diretrizes da política externa do Brasil num determinado momento da conjuntura internacional, procurando fixar as características nacionais da atitude brasileira e o papel desempenhado pelo nosso país na comunidade latino-americana. Uma visão rápida dessa conjuntura internacional era, pois, imprescindível e a ela reservamos o primeiro capítulo, indicando as tendências do pensamento europeu acêrca do Amazonas e das regiões tropicais. A posição dos Estados Unidos exigia maior atenção e dentro dos Estados Unidos convinha destacar a figura de Maury. Formaram-se, assim, o segundo e terceiro capítulos. No quarto analisamos, enfim, as diretrizes brasileiras e num quinto as lides diplomáticas do Brasil e dos Estados Unidos no cenário hispano-americano. No capítulo final essa contenda diplomática desloca-se para a côrte imperial, enquanto nós Estados Unidos se arrefecem os ânimos e se modifica o clima que tinha favorecido o esquema de Maury”.

Seria de grande interesse se a Professora Nícia Vilela Luz pudesse prosseguir nas suas pesquisas, analisando outros casos de pretensão sôbre a Amazônia, dando, assim, maior base documental ao que tantos outros têm já escrito. Com efeito, os livros de Fernando Sabóia de Medeiros e Artur César Ferreira Reis (êste, incansável defensor da Amazônia), embora valiosos, ressentem-se da unilateralidade das fontes, pois nenhum dos autores realizou pesquisas em arquivos estrangeiros.

A questão do Amazonas está na ordem do dia, lembra a autora logo na primeira frase de seu livro. E’ uma das razões pelas quais as questões na “ordem do dia” são freqüentemente mal interpretadas, distorcidas, deformadas, reside precisamente na falta de conhecimento dos seus antecedentes históricos, ou, às vêzes, da simples indagação fundamentada das razões por que elas ficaram na ordem do dia. E com isto muito se enriqueceria a bibliografia histórica brasileira, sobretudo numa época em que os nossos estudantes tanto reclamam assuntos “atuais”...

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

* *
*

SILVÁ (Hélio). — *A Constituinte*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1969. 586 páginas.

O extenso painel elaborado por Hélio Silva sôbre o “ciclo de Vargas”, tem prosseguimento com êste sétimo volume, dedicado à restauração constitucional após a revolução de 1930. Os volumes anteriores intitulam-se: 1922: *Sangue na areia de Copacabana*; 1926: *à grande marcha*; 1930: *à revolução traída*; 1931:

os tenentes no poder; 1932: a guerra paulista; e 1933: A crise do tenentismo. Obra indispensável, pelo seu valor documental, para o conhecimento de longo período da vida republicana, cujos efeitos até hoje se fazem sentir. A grande documentação utilizada pelo autor, inclusive o arquivo particular de Getúlio Vargas, que lhe foi confiado por sua filha D. Alzira Vargas do Amaral Peixoto, e por outro lado, a grande participação do próprio autor em numerosos momentos desse conturbado período da vida brasileira, dão ao livro um cunho de autenticidade que o tornará, pelo seu valor informativo, de consulta obrigatória para quem quizer estudar, no futuro, o "ciclo de Vargas".

ODILON NOGUEIRA DE MATOS